

Homenagem a Irene Lisboa

(Continuação da 13.ª página)

Unamo-nos para a louvar!

No momento em que desaparece Irene Lisboa, bem poucos de nós estão isentos de a ter desconhecido ou evitado. Eis que passa um vento rápido e que a arrebatou, e unimo-nos para a louvar e para nos sentarmos em volta do seu cadáver. A veemência é própria dos sentimentos que não duram, e, se algumas vezes eles iludem e dão felicidade, é aos vivos apenas. A obra de Irene Lisboa continua ao nosso dispor; não é de morte que devemos falar.

AGUSTINA BESSA LUIS

A nossa maior escritora

Friamente, depois de pesar bem as palavras na cabeça e no coração, ousou declarar que considero Irene Lisboa como a maior escritora de toda a nossa história literária. Nenhuma outra se lhe compara como poeta ou pesquisadora subtil da solidão — graças a um instrumento unico, de simplicidade aparente, mas riquíssimo, que prefere a illusão da espontaneidade (tão trabalhada, aliás!) á simulação do génio para confundir pacóvios. Sem pendor teatral para emaranhamentos de conflitos exteriores, soube encontrar o estilo próprio para as suas crónicas do povo, contos e novelas, alheio a demagogias ou aparatos psicológicos provincianos para brilhar. Incondescendente, sóbria, desmascaradora, artista verdadeira — não hesitou até em escrever contra o leitor.

Mas tal como o Raul Brandão, o Esquecido Genial viverá sempre nos corações das minorias que, por esses séculos fora, irão passando alguns dos seus livros de mão-em-mão...

JOSÉ GOMES FERREIRA

Uma porfiada recusa do fácil

Para mim, há em Irene Lisboa uma experiência exemplar: porfiado esforço de recusar o fácil e o empenho obsecante em reabilitar a profundidade que se contém no lugar-comum da existência.

Transmitir, como ela sempre tem feito, a realidade nos seus planos simultaneos; dar, como tão admiravelmente sabe dar, o jogo movimentado do narrador na convivência da acção romanesca dos personagens — tudo isso é bem corajoso no atormentado officio que é contar o que vêem os olhos, a alma, a intuição e o cérebro. Por isso tenho eu a certeza de que os contos de Irene Lisboa e a geografia tão portuguesa da sua obra, sem foclorismos de transigência, hão-de ser sempre motivo de meditação para qualquer escritor da nossa terra. E a verdade é esta: só uma posição artística, assim, trabalhada em profundidade, pode

organizar em crónica ou em testemunho literário a sábia singularidade da vida e a complexa beleza da palavra ingénua.

JOSE' CARDOSO PIRES

O cansaço e a pobreza disto de viver

Na morte de Irene Lisboa, releio algumas das suas páginas me nos recentes com renovada surpresa e aquele reconhecimento sempre tardio que faz da morte dos escritores autênticos o seu verdadeiro começo para o Mundo. Versos do «Outono, havias de vir» notas soltas da «Solidão», a «Adelina» inteira. Por toda a parte, o mesmo espírito alvoroçado pelo sofrimento humano, a mesma amargura azeda não propriamente da vida mas da vida que há, a mesma indomável necessidade de interrogar e de contar «os casos das criaturas» daquela forma directa que faz dela a amante, por excelência, da expressão (aparentemente) desordenada. «Porque he de eu romancear?» pensava a escritora que dizia pôr os casos que ia conhecendo «simplesmente em letra redonda» e não poupava o seu áspero comentário «os constructores de novelas» e a sua técnica, que lhe parecia artificiosa e ofensiva da realidade. Que técnica, contudo, se ocultava neste irrisório horror da técnica! Todo esse mundo de gente anónima que se soube ver, não de fora nem dentro, mas lado a lado, todo esse cansaço e a pobreza disto de viver que ela deixou vivos em centos de páginas revelam a elaboração creta e paciente de uma técnica em que mais e mais atentarem. A força da construção sob a sordem aparente, como o profundo amor sob o azedume da superfície, é que lhe deram o lugar confundível — e insubstituível que para sempre cabe na nossa literatura.

MARIO DIONISIO